
Metodologia para análise de referências com apoio em software: a abordagem de gênero nos estudos radiofônicos¹

Debora Cristina LOPEZ²

Juliana Gobbi BETTI³

Marcelo FREIRE⁴

Janaína GOMES⁵

Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, MG

Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC

Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, MG

Universidade Federal de Santa Maria, Frederico Westphalen, RS

RESUMO

A luta feminista nos espaços acadêmicos tem inúmeras frentes. Uma delas diz respeito aos papéis que as mulheres conseguem ocupar na pesquisa e na gestão. Mulheres estão, percentualmente, em menos cargos de gestão acadêmica e têm menor espaço no circuito de produção do conhecimento científico. Neste artigo, propomos uma metodologia para estudar, a partir da perspectiva de gênero, as referências de artigos científicos do campo do rádio. Analisamos, como um teste metodológico, os artigos apresentados no Grupo de Pesquisa Rádio e Mídia Sonora, no ano de 2014. Como resultado principal, apresentamos um protocolo de análise que revela as desigualdades de citação e legitimação do fazer científico feminino em uma área em que, no GP, predominam as pesquisadoras mulheres. Defendemos a construção do olhar de gênero para a bibliometria e para as práticas científicas nos estudos radiofônicos brasileiros.

PALAVRAS-CHAVE: Análise de referências; Protocolo metodológico; Estudos radiofônicos; Fazer científico feminino; Estudos bibliométricos.

INTRODUÇÃO

A vida acadêmica constitui-se de rotinas e processos mensuráveis que pressionam pesquisadores e pesquisadoras a produzirem e circularem conhecimento. O reconhecimento e a visibilidade no campo científico se estabelecem, primordialmente, a partir da capacidade dos autores e autoras serem citados por seus pares. A bibliometria

¹ Trabalho apresentado no GP Rádio e Mídia Sonora, XXI Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 44º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Professora dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação da UFOP e da UFPR. Doutora em Comunicação e Cultura Contemporâneas. Coordenadora do Grupo de Pesquisa Convergência e Jornalismo (ConJor), e-mail: debora.lopez@ufop.edu.br

³ Doutora e Mestra em Jornalismo pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Integra o Grupo de Investigação em Rádio, Fonografia e Áudio (Girafa/CNPq), e-mail: jugobbibetti@gmail.com

⁴ Professor do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFOP. Doutor em Comunicação e Cultura Contemporâneas. Coordenador do Grupo de Pesquisa Convergência e Jornalismo (ConJor), e-mail: marcelofreire@ufop.edu.br

⁵ Doutora em Agronegócios pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Professora da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), e-mail: jgomes.fw@gmail.com

é o campo do conhecimento responsável por esta análise e observa, a cada vez mais, a relevância do comportamento das citações⁶.

Como lembram Campos, Alves e Santoro (2021, p. 21), é preciso observar o comportamento das citações a partir de uma perspectiva complexa, mirando a diversidade de elementos que afetam a consolidação e a leitura dos dados, “como nacionalidade do primeiro autor, autocitação, insularidade, colaboração internacional, tipo de periódico que o artigo foi publicado, prestígio acadêmico e até mesmo fatores psicológicos e político”. Outro elemento revelado por pesquisas de diversas áreas do conhecimento como relevante para o comportamento de citações é o gênero.

A discussão sobre gênero na academia não é nova. Olhando para dados do final dos anos 1950, Cole (apud OVER, 1990) indicou que homens e mulheres igualmente qualificados não tinham somente impacto do gênero em sua produtividade, mas também em seu impacto acadêmico. Para minimizar distorções, o autor comparou homens e mulheres que ocupavam os mesmos cargos, com as mesmas formações. Nestes casos, ainda que publicassem com a mesma frequência, o número de citações dos textos de autoria masculina era maior. Em 1990, Over já destacava a necessidade de discutir o cenário, especificamente no campo da psicologia, destacando as consequências da subvalorização da pesquisa realizada por mulheres.

Este fenômeno é conhecido como “Efeito Matilda”, a subvalorização e o sub-reconhecimento das pesquisadoras mulheres, recorrente em muitos campos do conhecimento (KNOBLOCH-WESTERWICK; GLYNN, 2013). Como o olhar para a comunicação deve considerar seu caráter interdisciplinar e a interface com outras áreas, isso impacta também na estrutura do próprio campo. Elementos variados agem sobre o processo de construção da ciência e as diferenças de gênero marcadas na sociedade refletem, também, na academia, sendo desveladas pelos olhares cientométricos críticos.

É preciso considerar também que entre os elementos de complexificação da análise cientométrica estão o contexto sociocultural, as características da área e da própria comunidade científica. Isto significa dizer que não é possível analisar o comportamento de citações de um campo nos anos 1950 e 2020 com a mesma lente. A análise de referências que propomos integra um projeto maior, que pretende ampliar o

⁶ Compreendemos que, nos estudos cientométricos, análises de citação e referências são movimentos distintos. Neste artigo, propomos um protocolo de análise de referências. No entanto, o contexto do debate reside no comportamento das citações.

banco de dados e os caminhos de tratamento, visualização e análise de dados, dialogando com trajetórias temporais, organizações territoriais e de composição de redes de pesquisa, para discutir o lugar da mulher nos estudos radiofônicos brasileiros.

Compreendemos que a crítica sobre a prática da pesquisa é essencial para o desenvolvimento científico, pois tais análises possibilitam e “traduzem a reflexão de uma ciência sobre si própria, a qual aclara seu campo de atuação, seus procedimentos, o valor de seus resultados e o âmbito de suas possibilidades” (LOPES; FRANÇA, 2003, p. 10). Neste sentido, configuram-se como uma base indispensável, evidenciando, ao mesmo tempo, a maturidade do campo e “a urgência de repensar seus fundamentos e reorientar sua prática de investigação” (LOPES; FRANÇA, 2003, p. 10). Esse é um exercício que vem sendo constantemente empreendido pelas/os integrantes do Grupo de pesquisa Rádio e Mídia Sonora da Intercom. Assim, contribuindo com essas discussões, este artigo apresenta uma proposta para análise de referências com apoio em software, com foco na categoria gênero. Objetiva-se avançar na compreensão do lugar da mulher nos estudos radiofônicos brasileiros.

RELAÇÕES DE GÊNERO NA ACADEMIA

Os estudos radiofônicos estão inseridos em um cenário mais amplo, refletindo não somente as relações de gênero estabelecidas no campo da Comunicação, mas das Humanidades em suas semelhanças e divergências com outras áreas do conhecimento. É com esse olhar para contexto que inicialmente fundamentamos nossas hipóteses e questionamentos, buscando construir um entendimento sobre a problematização histórica das mulheres enquanto sujeitas da produção científica, bem como, sobre os processos de legitimação de sua autoridade epistêmica.

Como salientam Lima e Souza (2011), a concepção de ciência e os modos de produção do conhecimento científico são, também, determinados pela configuração das relações de gênero nas sociedades e, por conseguinte, na academia. Em diálogo com os apontamentos de Ruth Hubbard e Elijah Wald (1999), a autora afirma que

[...] é fato incontestável que o meio acadêmico reflete e reproduz, dentre outros aspectos sociais, os estereótipos de gênero, especialmente no campo cognitivo, o que nos obriga a enfrentar preconceitos quanto às nossas escolhas, nossos procedimentos investigativos e, até mesmo, quanto aos resultados que divulgamos. (LIMA E SOUZA, 2011, p. 16)

No Brasil, a desigualdade de gênero nas ciências tem sua raiz na própria história da educação das mulheres, que ocorreu sempre em atraso com relação a dos homens e com objetivo diverso. A esse respeito, podemos observar que, embora a Constituição Federal de 1824 estabelecesse o direito à instrução primária gratuita a todos os cidadãos brasileiros, a legislação específica, promulgada em 1827, destacava em seu Art.12, que às meninas não deveriam ser ensinadas noções de geometria, limitando “instrução de aritmética só as suas quatro operações” e acrescentando ao seu currículo “as prendas que servem à economia doméstica” (BRASIL, 1827). Assim, por muitas décadas a educação feminina foi configurada para permitir que as meninas aprendessem somente aquilo que se considerava necessário para o bom exercício de seus papéis de esposas e mães. Por outro lado, de acordo com Hahner (2011, p. 468), “o crescimento do número absoluto de mulheres alfabetizadas nos centros urbanos mais desenvolvidos forneceu um grande potencial para a eleição de professoras que podiam ser contratadas por salários inferiores”. A pesquisadora ressalta que

com poucas alternativas abertas às mulheres de certa instrução e status, ensinar era o desejado, embora os salários fossem inferiores aos dos homens. O ensino trouxe a algumas mulheres uma maior independência econômica, com relação àquela que poderiam ter alcançado de outro modo. (HAHNER, 2011, p. 468)

Traçando um paralelo entre o processo de feminização do magistério e o acesso das mulheres ao ensino superior, Hahner discute o impacto da chamada Reforma Leôncio de Carvalho, apontando a permanência da segregação e afirmando que

enquanto se podia pensar que a Reforma Leôncio de Carvalho de 1879, reforma que abriu as faculdades de Medicina às mulheres, pudesse ter facilitado a aceitação e a implementação da coeducação, a oposição às aulas mistas continuava. Esse mesmo decreto impôs limites: mandou receber os meninos nas escolas do sexo feminino só até chegarem à idade de 10 anos e, nas faculdades de Medicina, determinou que, para “os indivíduos do sexo feminino [...], haverá nas aulas lugares separados”. Já sabemos como as escolas primárias públicas serviam só às camadas menos favorecidas da sociedade. E o grupo de mulheres pioneiras que frequentavam as faculdades de ensino superior não só era muito pequeno, mas frequentemente encontrava hostilidade masculina e palavras que cortavam “como punhais”, segundo a redatora de um jornal dirigido a um público feminino. Fora mulheres corajosas como essa, as mulheres das elites frequentavam instituições de ensino secular ou religioso só de mulheres. (HAHNER, 2011, p. 470)

Além da possibilidade de formação profissional, observando que docência e a pesquisa caminham em paralelo na construção do campo científico, principalmente, nas Humanidades, ressalta-se que a entrada das mulheres na docência era entendida como uma extensão das tarefas de cuidado, não significando o real reconhecimento de sua

contribuição para a formação intelectual dos estudantes. O mesmo padrão de menosprezo se estendia a outras profissões exercidas pelas mulheres nesse período, entre as quais podemos citar a literatura e o jornalismo. De maneira geral, uma mudança mais significativa nesse quadro ocorreu apenas na segunda metade do século XX, ampliando-se na convergência entre a constante luta dos movimentos feministas e as demandas advindas do desenvolvimento do sistema capitalista, conforme explicam Grossi et al. (2016). Com base na análise realizada pelo Instituto de Pesquisas Tecnológicas (IPT), órgão vinculado à Secretaria de Desenvolvimento Econômico do Estado de São Paulo, os pesquisadores localizam entre os anos de 1960 e 1970 o crescimento da participação das mulheres na ciência, relacionando-o com o aumento número de mulheres com cursos universitários, bem como, evidenciando e reafirmando tanto sua relação com o movimento feminista quanto com a luta das profissionais da educação por melhores salários e condições de trabalho.

Neste sentido, como resume Ristoff (2006, apud Grossi et al, 2016, p. 12):

A trajetória da mulher brasileira nos últimos séculos é, para dizer pouco, extraordinária: de uma educação no lar e para o lar, no período colonial, para uma participação tímida nas escolas públicas mistas do século 19; depois, uma presença significativa na docência do ensino primário, seguida de uma presença hoje majoritária em todos os níveis de escolaridade, bem como de uma expressiva participação na docência da educação superior.

É certo que foram muitas as conquistas das mulheres na luta pelo direito à educação, à qualificação e ao exercício profissional nas diferentes áreas do conhecimento. No entanto, ainda não podemos afirmar que a desigualdade ficou restrita ao passado, especialmente quando a observamos sob uma perspectiva interseccional, incluindo outros marcadores sociais. Inclusive, como discutem Reznik et al. (2017), a própria constituição do imaginário sobre o fazer científico ainda carrega os estereótipos bastante demarcados por gênero e raça. Questionando como os adolescentes apreendem a ciência e a profissão do cientista, os pesquisadores retomam diversos estudos que apontam a persistência de um estereótipo que define a imagem do cientista como um personagem masculino, salientando como essa percepção é “um elemento que pode contribuir para a reprodução de discriminação de gênero” (REZNIK et al, 2017, p. 849).

Avaliando as diferentes questões que envolvem a prática da ciência por mulheres no Brasil, Grossi et al (2016) analisaram informações retiradas dos currículos lattes de uma amostra delimitada em quase cinco mil mulheres que se doutoraram entre os anos

de 2000 e 2013. Neste estudo, os pesquisadores observaram um crescimento constante do grupo, além de uma grande aderência à continuidade da formação por meio do pós-doutorado.

Entretanto, considerando as grandes áreas do conhecimento em que as mulheres pesquisadas realizaram seu doutorado, observa-se uma participação feminina maior nas áreas das Ciências Biológicas, das Ciências da Saúde e das Ciências Humanas, sendo que a menor participação se dá nas Engenharias. A expressiva maioria das doutoras pesquisadas atua na docência, carreira tradicionalmente ligada às mulheres. Isso comprova que, apesar dos avanços alcançados pelas mulheres, ainda persiste a desigualdade de papéis entre mulheres e homens dentro da ciência. (Grossi et al, 2016, p. 27)

Igualmente discutindo em suas conclusões as dificuldades e desafios da presença e da participação das mulheres no ambiente acadêmico, mas apresentando uma perspectiva mais qualitativa, Lima e Souza (2011, p. 26) aprofunda a análise, incluindo questões inerentes ao lugar ainda atribuído à mulher na sociedade. Neste sentido, critica a “a própria estrutura do campo da pesquisa científica, concebido e construído para os homens, cujas atribuições são totalmente voltadas para o mundo do trabalho, enquanto nós mulheres seguimos com todos os encargos da vida familiar”. De modo que, para a autora, “seguir nesta luta constitui, verdadeiramente, o nosso maior desafio” (LIMA E SOUZA, 2011, p. 26).

ESTUDOS RADIOFÔNICOS E GÊNERO: PROPOSTA METODOLÓGICA

Nesta pesquisa, como indicado, propomos um protocolo metodológico que nos permita olhar para os estudos radiofônicos com uma perspectiva de gênero. Nosso ponto de partida foi a observação de quem atua na área. A partir daí, delimitamos critérios para uma observação de caráter científico que permitisse verificar a hipótese de que também nos estudos de rádio no Brasil é possível observar o “Efeito Matilda”.

O primeiro passo do estudo foi a composição da articulação da qual deriva este texto. O que se desenhava como uma produção pontual, converteu-se em um projeto que se inicia e que pretende tensionar a produção científica nacional sobre rádio sob a perspectiva de gênero. Compreendemos que a realidade de subvalorização e sub-reconhecimento da produção de cientistas mulheres não é exclusiva do rádio mas, como já dito, pode ser identificada em diversas áreas do conhecimento e constitui-se, muitas vezes, como naturalizada e estrutural e que precisa ser enfrentada pela comunidade científica (SOTUDEH, KHOSHIAN, 2013; POTTHOFF,

ZIMMERMANN, 2017). Na compreensão das autoras e do autor deste artigo, a organização estrutural, naturalizada e não percebida do *gap* de gênero na academia torna o fenômeno mais complexo e difícil de ser abordado.

No protocolo que apresentamos, consideramos crucial a primeira etapa da pesquisa: delimitar a amostra. No projeto, optamos por analisar os artigos apresentados no Grupo de Pesquisa Rádio e Mídia Sonora da Intercom, principal fórum de debates sobre o meio no Brasil. A coleta contemplou artigos disponíveis no repositório da Intercom, de 1994 a 2020. Para este artigo, apresentamos um teste metodológico, realizado com 49 artigos. Entre os anos com a integralidade de seus artigos disponíveis para download, selecionamos aleatoriamente 2014.

Os 49 arquivos analisados foram convertidos para .txt, utilizando a ferramenta AntFileConverter⁷, desenvolvida pelo linguista Laurence Anthony, pesquisador da Faculdade de Ciência e Engenharia da Waseda University, no Japão. Desta forma, os arquivos passaram a ser compatíveis com pesquisas automatizadas ou qualitativas com apoio em software, a serem utilizadas em movimentos de análise posteriores.

Após a etapa de preparação de dados para eliminar informações que poderiam distorcer os resultados, como os cabeçalhos do evento, números de página e correções de desconfigurações no texto e nas notas de rodapé dos arquivos, o material foi enviado para processamento qualitativo para a elaboração do presente artigo. Nessa etapa, observamos a importância de traçar ações comuns entre os pesquisadores e pesquisadoras que faziam o processamento de dados, todos pensados a partir do ponto de vista e do objetivo da pesquisa. Defendemos, neste artigo, que o desenho metodológico seja adaptado a partir da questão que se busca responder no estudo para abarcar a multidimensionalidade do fenômeno estudado. No protocolo metodológico apresentamos como variáveis para a preparação de dados: a) delimitação do corpus no campo “Referências” dos arquivos analisados (restritos a artigos, livros e capítulos de livro)⁸; b) verificação de grafia dos sobrenomes de autores e autoras citados e; c) verificação do nome e do gênero dos autores e autoras citados.

⁷ Disponível em: <http://www.laurenceanthony.net/software/antfileconverter/>

⁸ Nesta proposta metodológica não analisamos citações de documentos, entrevistas, sites, produções jornalísticas ou produtos audiovisuais. As referências originais, no entanto, foram mantidas nos arquivos .txt que compõem o banco de dados para a realização de estudos posteriores.

O passo seguinte foi a organização dos dados a serem analisados em planilha. A partir da proposta da pesquisa, os dados foram subdivididos em: 1) identificação do objeto; 2) informações da referência utilizada; 3) informações de autoria do artigo. Na identificação do objeto foram inseridos o ano da publicação, o código de identificação do artigo e o título do artigo. Na segunda instância foram inseridos: Referência bibliográfica completa, ano de publicação, autoria, gênero de cada autor(a) e ordem de coautoria, todos eles referentes ao texto citado. Na terceira instância foram indicados o(s) nome(s) e gênero da autoria do texto analisado. O gênero foi organizado em Feminino (F) e Masculino (M) nos textos de autoria individual e, nos de autoria coletiva, em Coletivo Feminino (CF), Coletivo Masculino (CM) e Coletivo Híbrido (CH), quando havia autores homens e mulheres no texto⁹.

Nossa proposta metodológica nesta etapa do projeto busca construir subsídios para que possamos discutir o impacto acadêmico de mulheres nos estudos radiofônicos brasileiros, tensionando os resultados a partir das discussões de gênero. Desta forma, optamos por desdobrar os textos citados que sejam de autoria múltipla, para que tenhamos o número de autoras e autores citados e não o número de textos. Este dado, conjugado ao debate sobre autoria principal e coautoria nos itens bibliográficos permite, por exemplo, compreender se há diferença nas obras citadas quando a autoria principal é masculina ou feminina.

Com esta abordagem tridimensional, foi possível detectar variáveis de análise referentes tanto à autoria dos textos, quanto às referências acionadas por eles. A amostra final é composta por uma tabela de 754 linhas, sendo cada uma delas uma autoria a ser analisada. Para ampliar as possibilidades de interpretação dos resultados, buscamos compreender a composição do GP Rádio e Mídia Sonora da Intercom em relação ao gênero. Segundo dados apresentados na sua página oficial¹⁰, o GP é formado por 95 pesquisadores e pesquisadoras, sendo 55,8% feminino e 44,2% masculino. Além disso, o grupo se destaca pelo protagonismo feminino. Em seus 30 anos de história, foi coordenado por sete mulheres e três homens. Os dados foram sistematizados para serem acionados, assim como o debate sobre o impacto acadêmico de mulheres no campo da comunicação, em análise qualitativa posterior.

⁹ Neste artigo, optamos por trabalhar com uma classificação binária de gênero devido às dificuldades de determinação de identidade de gêneros não binários a partir de textos científicos.

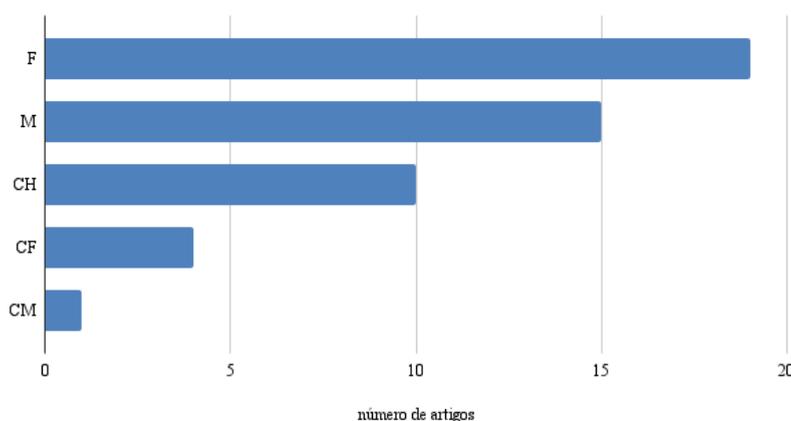
¹⁰Disponível em: <https://www.portalintercom.org.br/eventos1/gps1/gp-radio-e-midia-sonora>

A etapa seguinte do processo de organização e análise de dados foi realizada no Tableau. Com o programa, foi possível sistematizar e estruturar os dados a partir da sua natureza numérica ou textual, permitindo a criação de visualizações que facilitem o cruzamento e a interpretação dos resultados da pesquisa.

A análise dos dados permite traçar um diagnóstico da autoria nas produções do GP Rádio e Mídia Sonora da Intercom. Compreendemos que por se tratar de um teste metodológico, os resultados não revelam o cenário, mas apontam para uma possível organização do campo. No projeto em que se insere esta proposta, as próximas etapas consistem em ampliar a amostra para construir a fase diagnóstica a partir do GP Rádio e Mídia Sonora e, em um segundo momento, ampliar a origem dos textos analisados para outros eventos científicos nacionais e publicações em periódicos. Desta maneira, será possível diagnosticar amplamente as implicações de gênero no impacto acadêmico dos autores e autoras nos estudos radiofônicos.

Em 2014, os artigos do GP Rádio e Mídia Sonora da Intercom tiveram 16 autorias masculinas (sendo 15 individuais e uma coletiva), 23 femininas (sendo 19 individuais e quatro coletivas) e 10 híbridas, com autores de ambos gêneros. Corroborando os dados da formação dos pesquisadores disponíveis no site do grupo, neste ano 47% dos artigos apresentados eram de autoria unicamente feminina e 32,6% eram de autoria unicamente masculina.

Autoria por gênero em 2014



Fonte: autoria própria

Os dados, no entanto, precisam ser relacionados às obras citadas nestes artigos para que possamos discutir o potencial de impacto acadêmico e sua relação com gênero.

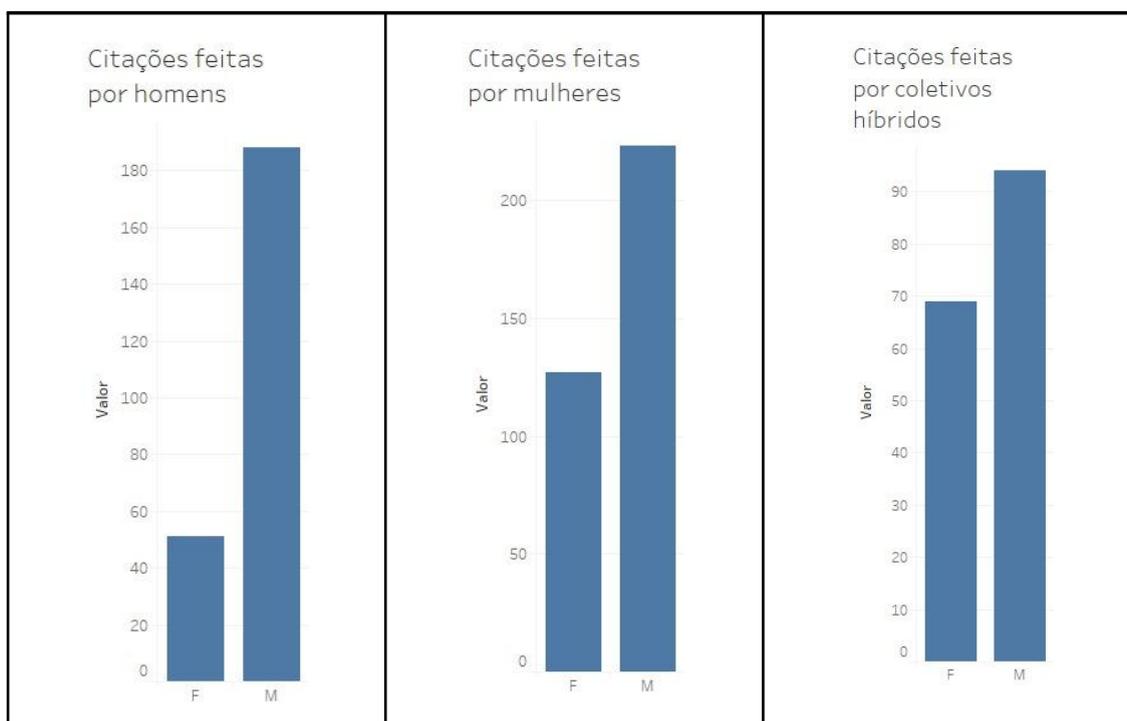
Na edição 2014 do GP, ainda que as mulheres tenham autoria exclusiva de quase metade dos textos, são menos citadas que os autores homens. Das citações, 67,15% são a homens e somente 32,85% a pesquisadoras mulheres, invertendo e ampliando a proporção da caracterização de autoria dos artigos. Estes números, quando observados mais atentamente pela lente do debate de gênero, se distanciam ainda mais.

Quando analisamos os artigos de autoria masculina, observamos uma reiteração do que Knobloch-Westerwick e Glynn (2011, p. 21) apontam em seu estudo sobre “Efeito Matilda” em artigos do campo da comunicação: “Pesquisadores homens mostram uma preferência desproporcional por citar pesquisadores homens [...]”¹¹. Nos artigos de autoria masculina (individuais e coletivos) do nosso *dataset* de 2014, 78,66% eram autores homens e 21,34% eram mulheres. Estes números, assim como ocorre na análise de artigos de autoria exclusivamente feminina e híbrida, refere-se aos autores e autoras, considerando também desdobramentos de artigos em coautoria, que serão analisados mais detalhadamente adiante.

Uma diferença a ser apontada, e que indica um cenário preocupante, é que enquanto no estudo apresentado pelos autores as mulheres não revelavam essa tendência, mostrando um equilíbrio de gênero em suas produções, na amostra que analisamos, detectamos a preferência de citação de referências masculinas também nos artigos de autoria feminina individual ou coletiva. Nos artigos de autoria feminina, 63,71% dos autores das referências usadas são homens e 36,29% são mulheres.

O maior equilíbrio aparece nas citações feitas em publicações de autoria coletiva híbrida. Nelas, 57,66% dos autores apresentados são homens e 42,34% são mulheres. Algumas inferências poderiam ser feitas a partir desse resultado, como a possibilidade de equilíbrio entre gêneros como resultado de trabalhos do compartilhamento de bibliografias entre os autores nos trabalhos em colaboração ou, ainda, a incidência de autocitações de autoras e autores como consequência do desenvolvimento de textos derivados de pesquisas anteriores. No entanto, para a verificação destas hipóteses seria necessário o desenvolvimento de um estudo específico sobre a organização destas autorias híbridas que busque compreender as variáveis que podem incidir sobre a composição de grupos e textos.

¹¹ No original: “Male scholars indeed showed a disproportionate preference for citing male scholars [...]”



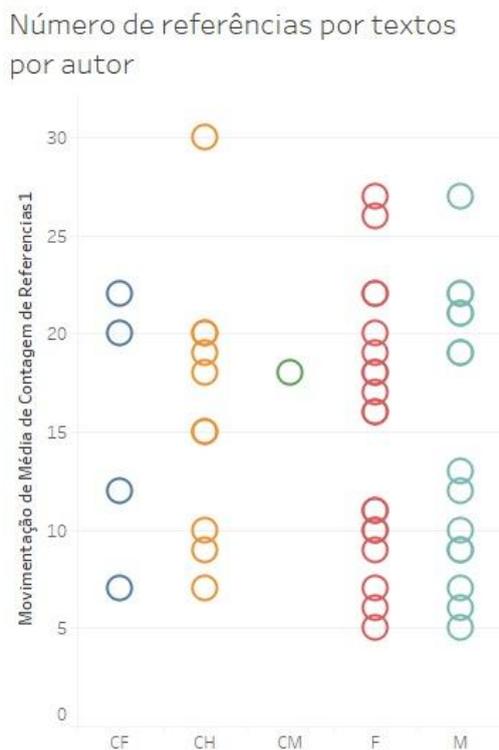
Fonte: autoria própria

A coautoria permite analisar as referências citadas na amostra. Percebemos que os textos do GP, em 2014, citaram mais artigos, livros e capítulos de livros que tinham um homem como primeiro autor. Os textos em coautoria citados na amostra têm predominância de homens como primeiro, segundo e terceiro autores, sendo que 70,65% das referências citadas em coautoria têm homens como primeiros autores e 29,35% têm mulheres como primeiras autoras.

A pesquisa desenvolvida a partir da organização de dados que consta desta proposta metodológica permite analisar, também, o número de referências acionadas pelos autores e autoras nos artigos analisados. Percebemos que os textos de autoria individual tendem a citar mais referências bibliográficas do que os de autoria coletiva. Destacamos, no entanto, que esta análise não pode ser realizada de maneira descontextualizada, já que no processo de limpeza de dados foram retiradas da amostra referências documentais, audiovisuais, de entrevistas, de sites e de jornais. A análise qualitativa destes dados, assim como ocorre com as demais variáveis desta pesquisa, são potenciais desenvolvimentos desta proposta.

A imagem abaixo apresenta o número de textos referenciados em cada um dos artigos analisados. A organização por gênero revela um equilíbrio entre as categorias, com média de 15 a 20 referências acionadas. Destacamos dois textos da amostra: um de

autoria simples, de natureza histórica, que teve cerca de 25% de sua bibliografia removida, por não se enquadrar nos critérios de análise propostos, e um texto de autoria coletiva híbrida que se destaca dos demais, configurando-se como um ponto fora da curva no número de referências acionadas.



Fonte: autoria própria

Além das variáveis apontadas anteriormente, o protocolo metodológico que apresentamos permite discutir sobre a atualização das referências bibliográficas acionadas nos artigos. Em 2014, observamos a predominância de textos publicados nos primeiros 15 anos dos anos 2000, com aparições menos frequentes de obras dos anos 1990 e 1980¹². Ao olharmos para a amostra com uma distribuição de gênero percebemos a predominância de artigos mais atualizados nos textos de autoria feminina, coletiva feminina e coletiva híbrida. No entanto, é preciso que se realize uma análise contextual dos dados, que são afetados, também, pela temática e pela natureza dos objetos, não representando a desatualização bibliográfica de qualquer um dos artigos analisados.

Neste protocolo, pretendemos levantar variáveis que permitam, com a composição de uma amostra mais completa, compreender os impactos da desigualdade de gênero nos estudos radiofônicos brasileiros. Observamos, no ano de 2014, a

¹² Há registro de citações de datas anteriores, mas em número reduzido.

replicação do cenário apresentado por Knobloch-Westernwick e Glynn (2011), com a predominância desproporcional de citações masculinas nos textos do GP Rádio e Mídia Sonora. Os dados apresentam possibilidades múltiplas de análise futura com o objetivo de compreender o papel da mulher no campo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo traz uma proposta metodológica para verificar a existência do “Efeito Matilda” nos estudos radiofônicos brasileiros. Consideramos, como eixos de análise, a constituição das relações na academia e as afetações sociais que se constituem neste cenário. O contexto do fenômeno com o qual trabalhamos é de um grupo de pesquisa constituído a partir do diálogo, do intercâmbio e do protagonismo feminino. Ainda assim, os resultados apontam para uma referencialização desproporcional de pesquisadores homens em textos de todas as modalidades analisadas.

Destacamos que estes dados não refletem a história ou a trajetória do grupo, mas a organização dos textos apresentados em 2014. No entanto, como dissemos, apontam para o alinhamento com uma realidade que não é somente da comunicação, mas do universo acadêmico, em diversas áreas do conhecimento (SOTUDEH, KHOSHIAN, 2013; POTTHOFF, ZIMMERMANN, 2017; KNOBLOCH-WESTERWICK; GLYNN, 2011). Como lembram Sotudeh e Khoshian (2013), a contribuição das mulheres para a ciência está entre os indicadores de desenvolvimento mundial e seu impacto em diversas áreas está condicionado à luta pela valorização e pelo reconhecimento das contribuições das pesquisadoras para a academia. É uma questão que precisa ser observada e enfrentada não só pelos estudos radiofônicos, mas pela academia.

Um dos caminhos para compreender os impactos do machismo estrutural e da desigualdade de gênero na subvalorização do trabalho da mulher cientista é reconhecer a existência do problema e buscar estratégias para conhecê-lo em sua complexidade. Neste artigo, apontamos caminhos a seguir depois do diagnóstico, de modo a compreender as variáveis específicas do campo. Estes caminhos podem se organizar em torno da pesquisa qualitativa amostral ou das inferências qualitativas em análises quantitativas, acionando perspectivas metodológicas como a Linguística de Corpus.

A Linguística de Corpus é uma abordagem de análise textual quantitativa oriunda do campo das Letras que começou a ser aplicada nos anos 1960 com o apoio

em ferramentas computacionais (SARDINHA, 2004). Esta vertente considera aspectos estatísticos na incidência de palavras, suas classes semânticas, suas relações a partir da repetição das estruturas frasais (ZUFFEREY, 2020). Suas análises empíricas têm como objetos largos volumes de textos – *corpora* textuais – e assim revelam padrões de escrita e de usos de linguagem. Ela pode ser especialmente útil para a observação das produções para das uma ideia do todo incluindo todos os artigos apresentados nos 30 anos do grupo de Rádio e Mídia sonora. Será possível identificar usos das citações nos textos, em forma direta ou indireta, bem como sua frequência, tendo como variável a questão dos gêneros tanto dos autores quanto das referências. Além disso, consegue capturar aspectos textuais como temática das produções e suas estruturas formais.

Com uso da análise de palavras-chave em contexto é possível localizar e analisar grupamentos semânticos compostos por mais de uma palavra e identificar metodologias, definições de conceitos específicos e compará-los tanto por gênero quanto ao longo do tempo. Desta forma, é possível ter um olhar comparativo mais amplo das produções de homens e mulheres no grupo e contribuir para um diagnóstico mais preciso.

No processo de desenvolvimento do protocolo que apresentamos neste artigo, enfrentamos uma série de dificuldades marcadas pela natureza da pesquisa e do objeto indicado. A identificação de prenomes abreviados ou de natureza neutra demandou a busca por bancos de dados alternativos, como buscadores de textos acadêmicos e o cruzamento de informações em páginas institucionais de universidades e editoras. A automatização de parte da coleta e organização dos dados foi dificultada pela não utilização das normas da ABNT na construção das referências dos arquivos analisados, o que dificultou a codificação das ferramentas utilizadas.

Compreendemos que nas relações de gênero e pesquisa a análise não pode se restringir às citações recebidas, mas deve considerar variáveis que se relacionam com a multidimensionalidade do fenômeno. A citação e o impacto do pesquisador(a) não é o fenômeno em si, mas parte dele e representa a materialização, a concretude de um problema maior, estrutural, institucional.

Como ocorre com outros fenômenos de desigualdade estrutural (como racismo e LGBTfobia), o machismo na pesquisa é potencializado pelo aumento no uso das métricas como diretriz para organização da vida acadêmica, o que reitera as barreiras e o abismo entre homens e mulheres. Neste caso, a metáfora da escada rolante se aplica.

O homem, mais citado e com maior visibilidade, é metaforicamente impulsionado, aumenta seu impacto acadêmico e, em decorrência disso, amplia as possibilidades de ter seus artigos publicados e seus projetos financiados, entrando em um ciclo que distancia os sujeitos a partir do gênero (direta ou indiretamente; intencionalmente ou não), colocando-os em lugares de ação e de fala distintos na comunidade científica.

REFERÊNCIAS

- CAMPOS, Juliana L. A.; ALVES, Andréa S. A.; SANTORO, Flávia R. As mulheres são menos citadas do que os homens em artigos científicos? Uma análise do comportamento de citação relacionado ao gênero nas pesquisas em etnobiologia. **Ethnoscientia**. v.6 n. 2, especial, 2021.
- GROSSI, Márcia Gorett Ribeiro et al. As mulheres praticando ciência no Brasil. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 24, n.1, p. 11-30, janeiro-abril/2016
- HAHNER, June. Escolas mistas, escolas normais: a coeducação feminização do magistério no século XIX. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 19, n.2, p. 467-474, maio-agosto/2011.
- HUBBARD, Ruth; WALD, Elijah. **Exploding the gene myth**: how genetic information is produced and manipulated by scientists, physicians, employers, insurance companies, educators and law enforcers. Boston: Beacon Press, 1999.
- KNOBLOCH-WESTERWICK, Silvia; GLYNN, Carroll J. The Matilda Effect—Role Congruity Effects on Scholarly Communication: A Citation Analysis of Communication Research and Journal of Communication Articles. **Communication Research**, v. 40 n.1, pp. 3–26, 2013.
- LIMA E SOUZA, Ângela Maria Freire. Sobre gênero e ciência: tensões, avanços, desafios. In: BONNETI, A.; LIMA E SOUZA, A. M. F. **Gênero, mulheres e feminismos**. Salvador: EDUFBA/NEIM, 2011. p. 15-28
- OVER, Ray. The scholarly impact of articles published by men and women in psychology journals. **Scientometrics** v. 18, n. 5-6, pp. 331-340, 1990.
- POTTHOFF, Matthias, ZIMMERMANN, Fabian. Is there a gender-based fragmentation of communication science? An investigation of the reasons for the apparent gender homophily in citations. **Scientometrics**, v.112, n.2, pp. 1047–1063, 2017.
- REZNIK, Gabriela et al. Como adolescentes apreendem a ciência e a profissão de cientista? **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 25, n. 2, p. 829-855, maio-agosto/2017
- SARDINHA, Tony Berber. **Linguística de Corpus**. Barueri, SP: Manole, 2004.
- SOTUDEH, Hajar, KHOSHIAN, Nahid. Gender differences in science: the case of scientific productivity in Nano Science & Technology during 2005–2007. **Scientometrics**, v.98 n.1, pp. 457–472, 2013.
- ZUFFEREY, Sandrine. **Introduction to corpus linguistics**. Wiley & Sons: London, 2020.